O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 16

MAUSALA PARVA

Ou

O LIVRO DA LUTA DE CLAVAS*

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli [1883-1896]

Traduzido para o português por Eleonora Meier [2005-2011] e
Brevemente revisado pela tradutora em 2016 para leves alterações gramaticais e para a inclusão de marcadores.

***** ‘Clavas’ referindo-se aos ‘dardos de ferro’ usados na luta descrita no Capítulo 3.

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

Om! Tendo reverenciado Narayana, e Nara, o mais notável dos homens, como também a deusa Saraswati, a palavra “Jaya” deve ser proferida.

Vaisampayana disse: "Quando chegou o ano trinta e seis (depois da batalha), o encantador dos Kurus, Yudhishthira, viu muitos presságios incomuns. Ventos, secos e fortes, e despejando cascalhos, sopravam de todos os lados. Aves começaram a rodar, fazendo círculos da direita para a esquerda. Os grandes rios correram em direções opostas. O horizonte por todos os lados parecia estar sempre coberto com nevoeiro. Meteoros, despejando brasas (ardentes) caíam do céu na Terra. O disco do Sol, ó rei, parecia estar sempre coberto com poeira. Em seu nascimento, o grande corpo luminoso do dia era desprovido de esplendor e parecia ser atravessado por troncos sem cabeça (de seres humanos). Círculos de luz ameaçadores eram vistos todo dia ao redor do Sol e da Lua. Aqueles círculos mostravam três cores. Suas margens pareciam ser pretas e irregulares e de cor vermelha cinzenta. Esses e muitos outros presságios, predizendo medo e perigo, foram vistos, ó rei, e encheram de ansiedade os corações dos homens. Pouco tempo depois, o rei Kuru Yudhishthira soube da carnificina indiscriminada dos Vrishnis por causa do dardo de ferro. O filho de Pandu, sabendo que somente Vasudeva e Rama tinham escapado com vida, convocou seus irmãos e se aconselhou com eles quanto ao que eles deveriam fazer. Reunindo-se uns com os outros, eles ficaram imensamente aflitos ao saberem que os Vrishnis tinham encontrado a destruição pela vara de castigo do brâmane. Na morte de Vasudeva, como na completa secagem do oceano, aqueles heróis não podiam acreditar. Realmente a destruição do manejador do Saranga era inacreditável para eles. Informados do incidente sobre o dardo de ferro, os Pandavas ficaram cheios de dor e tristeza. Realmente, eles se sentaram totalmente tristes e tomados por um desespero absoluto.

Janamejaya disse: "De fato, ó santo, como foi que os Andhakas junto com os Vrishnis, e aqueles grandes guerreiros em carros, os Bhojas, encontraram a destruição na própria visão de Vasudeva?"

Vaisampayana continuou: "Quando o trigésimo sexto ano foi alcançado (depois da grande batalha) uma grande calamidade surpreendeu os Vrishnis. Impelidos pelo Tempo, todos eles encontraram a destruição pelo dardo de ferro.

Janamejaya disse: “Amaldiçoados por quem aqueles heróis, os Vrishnis, os Andhakas, e os Bhojas, encontraram a destruição? Ó principal das pessoas regeneradas, me conte isso em detalhes.

Vaisampayana continuou: “Um dia, os heróis Vrishni, incluindo Sarana entre eles, viram Vishvamitra e Kanwa e Narada chegarem a Dwaraka. Afligidos pela vara de castigo brandida pelas divindades, aqueles heróis, fazendo Samva se disfarçar de mulher, se aproximaram daqueles ascetas e disseram, ‘Esta é a

esposa de Vabhru de energia incomensurável que deseja ter um filho. Ó Rishis, vocês sabem com certeza ao que ela dará à luz?'

"Ouve agora, ó rei, o que aqueles ascetas, tentados serem enganados dessa maneira, disseram: 'Esse herdeiro de Vasudeva, de nome Samva, dará à luz um dardo de ferro ardente para a destruição dos Vrishnis e dos Andhakas. Vocês, pecaminosos e cruéis, embriagados de orgulho, através daquele dardo de ferro se tornarão os exterminadores da sua raça com a exceção de Rama e Janardana. O herói abençoado armado com o arado entrará no oceano, rejeitando seu corpo, enquanto um caçador de nome Jara perfurará Krishna de grande alma enquanto repousando sobre o solo'.

"Aqueles ascetas, a quem aqueles perversos tentavam enganar, com olhos vermelhos de raiva, olharam uns para os outros e proferiram aquelas palavras. Tendo falado dessa forma eles então foram ver Keshava. O matador de Madhu, informado do que tinha acontecido, convocou todos os Vrishnis e lhes falou sobre isso. Possuidor de grande inteligência e totalmente familiarizado com aquele que seria o fim da sua tribo, ele simplesmente disse que aquilo que estava destinado certamente aconteceria. Hrishikesa, tendo dito isso, entrou em sua mansão. O Senhor do universo não desejou ordenar de outra maneira. Quando chegou o dia seguinte, Samva realmente deu à luz um dardo de ferro pelo qual todos os indivíduos na tribo dos Vrishnis e dos Andhakas foram reduzidos a cinzas. De fato, para a destruição dos Vrishnis e dos Andhakas, Samva deu à luz, por causa daquela maldição, um dardo de ferro ameaçador que parecia com um mensageiro gigantesco da morte. O fato foi devidamente relatado para o rei. Em grande angústia mental, o rei (Ugrasena) fez aquele dardo de ferro ser reduzido a pó fino. Homens foram empregados, ó rei, para lançar aquele pó no mar. Por ordem de Ahuka, de Janardana, de Rama, e de Vabhru de grande alma, foi, também, proclamado por toda a cidade que daquele dia em diante, entre todos os Vrishnis e os Andhakas, ninguém deveria fabricar vinhos e bebidas alcoólicas intoxicantes de nenhum tipo, e que quem quer que fabricasse secretamente vinhos e bebidas alcoólicas deveria ser empalado vivo com todos os seus parentes. Por medo do rei, e sabendo que essa era também a ordem de Rama de atos irrepreensíveis, todos os cidadãos se comprometeram por uma regra e se abstiveram de fabricar vinhos e bebidas alcoólicas".

2

Vaisampayana disse: "Enquanto os Vrishnis e os Andhakas estavam se esforçando dessa maneira (para evitar a calamidade iminente), a forma incorporada do Tempo (morte) vagava todo dia em volta de suas casas. Ela se parecia com um homem de aspecto terrível e feroz. Careca, ele era negro e de cor fulva. Às vezes ele era visto pelos Vrishnis enquanto perscrutava suas casas. Os arqueiros poderosos entre os Vrishnis dispararam centenas e milhares de flechas nele, mas nenhuma delas conseguiu perfurá-lo, porque ele era ninguém mais do que o Destruidor de todas as criaturas. Dia a dia ventos fortes sopravam, e eram

muitos os maus presságios que surgiam, terríveis e pressagiando a destruição dos Vrishnis e dos Andhakas. As ruas enxameavam com ratos e ratazanas. Vasos de barro apresentavam rachaduras ou quebravam sem nenhuma causa aparente. À noite, os ratos e ratazanas roíam os cabelos e as unhas dos homens adormecidos. Sarikas chilreavam, pousando dentro das casas dos Vrishnis. O barulho feito por aquelas aves não parava nem por um momento de dia ou de noite. Os Sarashas eram ouvidos imitarem os pios da coruja, e cabras imitavam os gritos, ó Bharata, dos chacais. Muitas aves apareceram, impelidas pela Morte, que eram de cor pálida, mas que tinham pernas de cor vermelha. Pombos eram vistos sempre se entreterem nas casas dos Vrishnis. Jumentos nasciam de vacas, e elefantes de mulas. Gatos nasciam de cadelas, e ratos de mangustos. Os Vrishnis, cometendo atos pecaminosos, não eram vistos sentirem nenhuma vergonha. Eles mostravam desconsideração pelos brâmanes e os Pitris e os deuses. Eles insultavam e humilhavam seus preceptores e os mais velhos. Só Rama e Janardana agiam de outro modo. Esposas enganavam os maridos, e maridos enganavam as esposas. Fogos, quando acesos, lançavam suas chamas para a esquerda. Às vezes eles lançavam chamas cujo esplendor era azul e vermelho. O Sol, quando nascendo ou se pondo sobre a cidade, parecia estar cercado por troncos sem cabeça de forma humana. Nas cozinhas, sobre alimento que era limpo e bem fervido, eram vistos, quando ele era servido para comer, inúmeros vermes de diversos tipos. Quando os brâmanes, recebendo doações, abençoavam o dia ou a hora (fixados para este ou aquele empreendimento), ou quando homens de grandes almas estavam ocupados em recitações silenciosas, era ouvido o passo pesado de inúmeros homens correndo por todos os lados, mas ninguém podia vem a quem o som de tais passos podia ser atribuído. As constelações eram repetidamente vistas serem atingidas pelos planetas. Ninguém entre os Yadavas podia, no entanto, obter uma visão da constelação do seu nascimento. Quando a Panchajanya era soprada em suas casas, jumentos de voz dissonante e horrível zurravam alto de todas as direções. Observando esses sinais que indicaram o perverso curso do Tempo, e vendo que o dia da lua nova coincidia com a décima terceira (e a décima quarta) lunação, Hrishikesa, convocando os Yadavas, disse a eles estas palavras: ‘A décima quarta lunação foi feita a décima quinta por Rahu mais uma vez. Tal dia aconteceu na época da grande batalha dos Bharatas. E ela apareceu mais uma vez, parece, para a nossa destruição’. O matador de Keshi, Janardana, pensando sobre os presságios que o Tempo mostrava, compreendeu que o trigésimo sexto ano tinha chegado, e que o que Gandhari, queimando de aflição por causa da morte de seus filhos, e privada de todos os seus parentes, tinha dito estava prestes a ocorrer. ‘O presente é exatamente parecido com aquele tempo quando Yudhishthira observou tais presságios terríveis, quando os dois exércitos tinham sido organizados em ordem de batalha’. Vasudeva, tendo dito isso, se esforçou para causar aquelas ocorrências que tornariam verdadeiras as palavras de Gandhari. Aquele destruidor de inimigos mandou os Vrishnis fazerem uma peregrinação para alguma água sagrada. Os mensageiros em seguida proclamaram por ordem de Keshava que os Vrishnis deveriam fazer uma viagem para o litoral para se banharem nas águas sagradas do oceano.

3

Vaisampayana disse: "Naquele tempo as damas Vrishni sonhavam todas as noites que uma mulher de cor negra e dentes brancos, entrando em suas residências, ria alto e corria por Dwaraka, roubando delas os fios auspiciosos em seus pulsos. Os homens sonhavam que urubus terríveis, entrando em suas casas e aposentos do fogo, se empanturravam dos seus corpos. Seus ornamentos e guarda-sóis e estandartes e armaduras eram vistos serem roubados por Rakshasas terríveis. Na própria visão dos Vrishnis, o disco de Krishna, dado por Agni, feito de ferro e tendo o seu cubo composto do mais duro diamante, ascendeu para o firmamento. Na própria visão de Daruka, o carro excelente de Vasudeva, de refulgência solar, e devidamente equipado, foi levado embora pelos cavalos atrelados a ele. Aqueles principais dos corcéis, quatro em número, (Saivya, Sugriva, Meghapushpa e Valahaka), e dotados da velocidade do pensamento, fugiram, arrastando o carro atrás deles pela superfície do oceano. Os dois grandes estandartes do carro de Krishna e Valadeva, aquele com o emblema de Garuda e aquele portando o emblema da palmeira, os quais eram adorados com reverência por aqueles dois heróis, foram levados por Apsaras que, dia e noite, rogavam aos Vrishnis e aos Andhakas para saírem em uma peregrinação para alguma água sagrada. Quando esses presságios foram vistos e ouvidos, aqueles principais dos homens, os poderosos guerreiros em carros dos Vrishnis e dos Andhakas, ficaram desejosos de partir, com suas famílias inteiras, em uma peregrinação para uma água sagrada. Eles prepararam diversos tipos de iguarias e mantimentos e diversos tipos de vinhos e carne. As tropas dos Vrishnis e dos Andhakas, resplandecendo com beleza e energia feroz, então saíram da cidade em carros e corcéis e elefantes. Os Yadavas, então, com suas esposas, foram para Prabhasa e fixaram sua residência lá, cada um na habitação (temporária) que foi designada para ele, e todos tendo uma abundância de provisões consistindo em comestíveis e bebidas.

"Sabendo que eles tinham tomado residência na costa, Uddhava, o mais sábio dos homens, que era, além disso, bem versado em Yoga, foi lá e recebeu sua permissão (para partir). Krishna, com mãos unidas, saudou Uddhava, e vendo-o inclinado a partir (do mundo) e sabendo que a destruição dos Vrishnis estava perto, não sentiu nenhuma disposição para impedi-lo. Os poderosos guerreiros em carros entre os Vrishnis e os Andhakas, cuja hora tinha chegado, então viram Uddhava proceder em sua grande jornada, enchendo todo o firmamento com seu esplendor. Os Vrishnis, misturando com vinho o alimento que era cozido para brâmanes de grande alma, o davam para macacos e símios. Aqueles heróis de energia feroz então começaram seus grandes festins, dos quais beber formava o aspecto principal, em Prabhasa. O campo inteiro ecoava com o clangor de centenas de trombetas e estava cheio de atores e dançarinos exercendo suas vocações. Na própria visão de Krishna, Rama começou a beber, com Kritavarma, Yuyudhana e Gada; e Vabhru também fez o mesmo. Então Yuyudhana, embriagado com vinho, rindo zombeteiramente e insultando Kritavarma no meio daquela assembleia, disse, ‘Que Kshatriya há que, armado com armas, mataria homens envolvidos nos abraços do sono e, portanto, já mortos? Por essa razão, ó

filho de Hridika, os Yadavas nunca irão tolerar o que tu fizeste'. Quando Yuyudhana tinha dito essas palavras, Pradyumna, aquele principal dos guerreiros em carros, as aplaudiu, expressando seu desrespeito pelo filho de Hridika.

"Muito enfurecido por isso, Kritavarma, enfatizando sua desconsideração por Satyaki por apontar para ele com a mão esquerda, disse estas palavras: 'Declarando-te um herói, como tu pudeste matar tão cruelmente o desarmado Bhurishrava que, no campo de batalha, (desistiu de todas as intenções hostis e) sentou-se em praya?'

"Ouvindo essas palavras dele, Keshava, o matador dos heróis hostis, cedendo à cólera, lançou um olhar enfurecido em Kritavarma. Então Satyaki informou ao matador de Madhu sobre como Kritavarma tinha se comportado com Satrajit por tomar dele a famosa pedra preciosa Syamantaka. Ouvindo a narrativa, Satyabhama, dando vazão à ira e lágrimas, se aproximou de Keshava e sentando-se em seu colo aumentou a raiva dele (por Kritavarma). Então se erguendo com raiva, Satyaki disse, 'Eu te juro pela Verdade que eu logo farei este seguir na esteira dos cinco filhos de Draupadi, e de Dhrishtadyumna e Shikhandi, eles que foram mortos por esse patife pecaminoso, enquanto eles estavam dormindo, com a ajuda do filho de Drona. Ó tu de cintura fina, o período de vida e a fama de Kritavarma chegaram ao fim'.

"Tendo dito essas palavras, Satyaki avançou em Kritavarma e cortou a cabeça dele com uma espada na própria visão de Keshava. Yuyudhana, tendo realizado esse feito, começou a derrubar outros lá presentes. Hrishikesa correu para impedi-lo de causar mais prejuízo. Naquele momento, no entanto, ó monarca, os Bhojas e Andhakas, impelidos pela deturpação da hora que tinha chegado para eles, se tornaram todos como um só homem e cercaram o filho de Sini. Janardana de energia poderosa, conhecendo o caráter da hora, permaneceu imóvel sem dar vazão à raiva à visão daqueles heróis avançando em fúria sobre Satyaki de todos os lados. Incitados pelo destino e embriagados com bebida, eles começaram a golpear Yuyudhana com os recipientes dos quais eles tinham estado comendo. Quando o filho de Sini estava sendo atacado dessa maneira, o filho de Rukmini ficou muito enfurecido. Ele avançou para resgatar Satyaki que estava envolvido em combate com os Bhojas e os Andhakas. Dotados de força de braços e abundância de energia, aqueles dois heróis se esforçaram com grande coragem. Mas como as desvantagens eram esmagadoras ambos foram mortos na própria visão de Krishna. O alegrador dos Yadus, vendo o seu próprio filho, e o filho de Sini também, mortos, ergueu, em fúria, um punhado da grama Eraka que crescia lá. Aquele punhado de grama tornou-se um terrível dardo de ferro dotado da energia do raio. Com ele Krishna matou todos aqueles que chegaram diante dele. Então os Andhakas e os Bhojas, os Saineyas e os Vrishnis, incitados pelo Tempo, atingiram uns aos outros naquela escaramuça terrível. De fato, ó rei, quem quer que entre eles pegasse em cólera umas poucas folhas de grama Eraka, essas, em suas mãos, se tornavam logo convertidas em um raio, ó pujante. Toda folha de grama lá era vista ser transformada em um dardo de ferro terrível. Tudo isso, saibas, ó rei, foi devido à maldição pronunciada pelos brâmanes. Aquele que arremessava uma folha de grama via que ela atravessava até coisas que eram

totalmente impenetráveis. De fato, cada folha foi vista se tornar um dardo terrível tendo a força do trovão. Filho matou pai, e pai matou filho, ó Bharata. Embriagados com vinho, eles avançaram e caíram uns sobre os outros. Os Kukuras e os Andhakas encontraram a destruição como insetos se precipitando em um fogo ardente. Quando eles estavam sendo assim massacrados, ninguém entre eles pensou em escapar por meio de luta. Sabendo que a hora da destruição tinha chegado, Keshava de braços poderosos ficou lá, olhando tudo. De fato, o matador de Madhu ficou de pé, erguendo um dardo de ferro formado de uma folha de grama. Vendo que Samva estava morto, como também Charudeshna e Pradyumna e Aniruddha, Madhava encheu-se de raiva. Ao ver Gada jazendo morto no chão, sua ira aumentou. O manejador de Saranga e do disco e da maça então exterminou os Vrishnis e os Andhakas. Ouve, ó rei, o que aquele conquistador de cidades hostis, Vabhru de energia poderosa, e Daruka então disseram para Krishna, 'Ó santo, um número muito grande de homens foi morto por ti. Dirijamos-nos agora para onde Rama foi. Nós desejamos ir para onde ele procedeu'.

4

Vaisampayana disse: "Então Daruka e Keshava e Vabhru deixaram aquele local, seguindo na esteira de Rama (para descobrir seu refúgio). Eles viram aquele herói de energia infinita sentado pensativamente, reclinando as costas contra uma árvore, em um lugar solitário da terra. Encontrando Rama de grande alma, Krishna ordenou Daruka, dizendo, 'Vá até os Kurus, informe Partha desse grande massacre dos Yadus. Que Arjuna venha para cá rapidamente, sabendo da destruição dos Yadavas por causa da maldição dos brâmanes'.

"Assim abordado, Daruka, privado de sua razão pela dor, procedeu em um carro para (a capital dos) Kurus. Depois que Daruka tinha ido embora, Keshava, vendo Vabhru o servindo, disse estas palavras: 'Vá rapidamente proteger as damas. Não deixe ladrões lhes fazerem alguma injúria, tentados pela riqueza (que está com elas)'. Assim ordenado por Keshava, Vabhru, ainda sem ação por causa do vinho, mas triste pela morte dos seus parentes, partiu. Ele tinha descansado por um tempo ao lado de Keshava, mas logo que tinha percorrido uma distância, o dardo de ferro, ligando-se a um malho nas mãos de um caçador, saltou de repente por si mesmo sobre aquele sobrevivente solitário da tribo Yadava e matou a ele que também estava incluído na maldição dos brâmanes. Vendo Vabhru morto, Keshava de grande energia dirigiu-se ao seu irmão mais velho e disse, 'Ó Rama, espere por mim aqui até que eu coloque as damas sob o cuidado dos parentes'.

"Entrando na cidade de Dwaravati, Janardana disse estas palavras para seu pai, 'Proteja todas as damas da nossa casa até Dhananjaya chegar. Nas orlas da floresta Rama está esperando por mim. Eu o encontrarei hoje. Essa grande carnificina dos Yadus foi vista por mim assim como eu vi antes a carnificina daqueles Kshatriyas que eram os principais da linhagem de Kuru. Me é impossível ver esta cidade dos Yadavas sem os Yadus ao meu lado. Saiba que indo para as

florestas eu praticarei penitências com Rama em minha companhia'. Tendo dito essas palavras, Krishna tocou os pés de seu pai com a cabeça, e deixou sua presença rapidamente. Então um lamento alto de tristeza ergueu-se das damas e crianças da casa dele. Ouvindo aquele som alto de lamento proferido pelas damas lacrimosas, Keshava retornou e disse a elas, 'Arjuna virá aqui. Aquele principal dos homens aliviará vocês da sua angústia'.

"Procedendo então para a floresta, Keshava viu Rama sentado em um local solitário dela. Ele também viu que Rama tinha se fixado em Yoga e que da sua boca estava saindo uma cobra imensa. A cor daquela cobra era branca. Deixando o corpo humano (no qual ele tinha morado por tanto tempo), aquele Naga de grande alma de mil cabeças e que tinha uma forma tão grande quanto a de uma montanha, dotado além disso de olhos vermelhos, seguiu por aquele caminho que levava para o oceano. O próprio oceano, e muitas cobras celestes, e muitos Rios sagrados estavam lá, para recebê-lo com honra. Lá estavam Karkotaka e Vasuki e Takshaka e Prithusravas e Varuna e Kunjara, e Misri e Sankha e Kumuda e Pundarika, e Dhritarashtra de grande alma, e Hrada e Kratha e Sitikantha de energia ardente, e Chakramanda e Atishanda, e aquele principal dos Nagas chamado Durmukha, e Amvarisha, e o próprio rei Varuna, ó monarca. Adiantando-se e oferecendo a ele o Arghya e água para lavar seus pés, e com diversos outros ritos, eles todos adoraram o Naga poderoso e o saudaram por fazerem as perguntas usuais.

"Depois que seu irmão tinha partido dessa maneira do mundo (humano), Vasudeva de visão divina, que era totalmente familiarizado com o fim de todas as coisas, vagou pensativamente por algum tempo naquela floresta solitária. Dotado de grande energia ele então se sentou na terra nua. Ele tinha pensado antes disso em tudo o que tinha sido pressagiado pelas palavras proferidas por Gandhari nos tempos passados. Ele também se lembrou das palavras que Durvasas tinha falado na vez em que seu corpo foi coberto por aquele Rishi com o resto do Payasa que ele tinha comido (enquanto era um convidado na casa de Krishna). Aquele de grande alma, pensando na destruição dos Vrishnis e dos Andhakas, como também na matança prévia dos Kurus, concluiu que a hora (para a sua própria partida do mundo) tinha chegado. Ele então reprimiu seus sentidos (em Yoga). Conhecedor da verdade de todos os tópicos, Vasudeva, embora ele fosse o Deus Supremo, desejou morrer, para dissipar todas as dúvidas e estabelecer uma certeza de resultados (a respeito da existência humana), simplesmente para manter os três mundos e para tornar verdadeiras as palavras do filho de Atri. Tendo reprimido todos os seus sentidos, fala, e mente, Krishna deitou-se em Yoga superior.

"Um caçador feroz de nome Jara então chegou lá, desejoso de veados. O caçador, confundindo Keshava, que estava esticado no chão em Yoga superior, com um veado, o perfurou no calcanhar com uma flecha e se aproximou rapidamente daquele local para capturar sua presa. Aproximando-se, Jara viu um homem vestido em mantos amarelos, absorto em Yoga e dotado de muitos braços. Considerando-se um criminoso, e cheio de medo, ele tocou os pés de Keshava. Aquele de grande alma o consolou e então ascendeu para o alto,

enchendo todo o firmamento de esplendor. Quando ele alcançou o Céu, Vasava e os gêmeos Aswins e Rudra e os Adityas e os Vasus e os Viswedevas, e Munis e Siddhas e muitos dos mais notáveis entre os Gandharvas, com as Apsaras, se adiantaram para recebê-lo. Então, ó rei, o ilustre Narayana de energia feroz, o Criador e Destruidor de tudo, aquele preceptor de Yoga, enchendo o Céu com seu esplendor, alcançou a sua própria região inconcebível. Krishna então encontrou as divindades e Rishis e Charanas (celestes), ó rei, e os principais entre os Gandharvas e muitas Apsaras belas e Siddhas e Saddhyas. Todos eles, curvando-se em humildade, o adoraram. Todas as divindades o saudaram, ó monarca, e muitos principais dos Munis e Rishis adoraram a ele que era o Senhor de tudo. Os Gandharvas o serviram, cantando seus louvores, e Indra também o glorificou alegremente."

5

Vaisampayana disse: "Enquanto isso Daruka, indo até os Kurus e vendo aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Pritha, os informou de como os Vrishnis tinham matado uns aos outros com dardos de ferro. Sabendo que os Vrishnis junto com os Bhojas e Andhakas e Kukuras tinham sido todos mortos, os Pandavas, queimando de tristeza, ficaram muito agitados. Então Arjuna, o amigo querido de Keshava, despedindo-se deles, partiu para ver seu tio materno. Ele disse que a destruição logo alcançaria tudo. Indo para a cidade dos Vrishnis com Daruka em sua companhia, ó rei pujante, aquele herói viu que a cidade de Dwaraka parecia uma mulher sem seu marido. Aquelas damas que tinham, antes disso, o próprio Senhor do universo como seu protetor, estavam agora sem marido. Vendo que Partha tinha vindo para protegê-las, todas elas lamentaram alto. 16.000 damas eram casadas com Vasudeva. De fato, logo que elas viram Arjuna chegar, elas proferiram um grito alto de tristeza. Logo que o príncipe Kuru se encontrou com aquelas belas desprovidas da proteção de Krishna e de seus filhos também, ele não pode olhar para elas, a sua visão estando obstruída pelas lágrimas. O rio Dwaraka tinha os Vrishnis e os Andhakas como sua água, corcéis como seus peixes, carros como suas balsas, o som de instrumentos musicais e o estrépito de carros como suas ondas, casas e mansões e praças públicas como seus lagos. Joias e pedras preciosas eram seu musgo abundante. As paredes de diamantes eram as guirlandas de flores que flutuavam nele. As ruas e as estradas eram as correntezas fortes correndo em redemoinhos por sua superfície. As grandes praças públicas eram os lagos grandes imóveis em seu curso. Rama e Krishna eram seus dois jacarés poderosos. Aquele rio agradável agora parecia para Arjuna ser o violento Vaitarani atado com a rede do Tempo. De fato, o filho de Vasava, dotado de grande inteligência, viu que a cidade parecia exatamente assim, privada como ela estava dos heróis Vrishni. Desprovida de beleza, e completamente triste, ela apresentava o aspecto de uma flor de lótus no inverno. Contemplando a visão que Dwaraka apresentava, e vendo as numerosas esposas de Krishna, Arjuna lamentou alto com olhos banhados em lágrimas e caiu ao chão. Então Satya, a filha de Satrajit, e Rukmini também, ó rei, caíram ao lado de

Dhananjaya e proferiram lamentos altos de angústia. Erguendo-o então elas o fizeram se sentar em um assento dourado. As damas se sentaram em volta daquele de grande alma, dando expressão aos seus sentimentos. Louvando Govinda e falando com as senhoras, o filho de Pandu as consolou e então foi ver seu tio materno.

6

Vaisampayana disse: "O príncipe Kuru viu o heroico Anakadundubhi de grande alma jazendo no chão e queimando de dor por causa de seus filhos. O filho de Pritha, de peito largo e braços fortes, mais angustiado que o seu tio, com olhos banhados em lágrimas, tocou os pés dele, ó Bharata. Anakadundubhi de braços fortes desejou cheirar a cabeça do filho de sua irmã, mas fracassou em fazê-lo, ó matador de inimigos. O homem idoso de braços poderosos, profundamente aflito, abraçou Partha e chorou, se lembrando de seus filhos, irmãos, netos, filhos da filha, e amigos.

"Vasudeva disse, 'Sem ver aqueles heróis, ó Arjuna, que subjugaram todos os reis da Terra e os Daityas cem vezes, eu ainda estou vivo! Parece-me que eu não tenho morte! Por causa do erro daqueles dois heróis que eram teus queridos discípulos e que eram muito considerados por ti, também, ó Partha, os Vrishnis foram destruídos. Aqueles dois que eram considerados como Atirathas entre os principais dos Vrishnis, e se referindo a quem no decorrer de conversa tu costumavas te entregar ao orgulho, e que, ó principal da linhagem de Kuru, eram queridos até para o próprio Krishna, ai, aqueles dois, ó Dhananjaya, foram as principais causas da destruição dos Vrishnis! Eu não critico o filho de Sini ou o filho de Hridika, ó Arjuna. Eu não critico Akrura ou o filho de Rukmini. Sem dúvida, a maldição (dos Rishis) é a única causa. Como é que aquele senhor do universo, o matador de Madhu, que empregou sua destreza para realizar a destruição de Kesin e Kansa, e Chaidya cheio de orgulho, e Ekalavya, o filho do soberano dos Nishadas, e os Kalingas e os Magadhas, e os Gandharas e o rei de Kasi, e muitos soberanos reunidos no meio do deserto, muitos heróis pertencentes ao Leste e ao Sul, e muitos reis das regiões montanhosas, ai, como ele pode permanecer indiferente a tal calamidade como a maldição pronunciada pelos Rishis? Tu mesmo, Narada e os Munis o conheciam como o eterno e impecável Govinda, o Deus de glória imperecível. Ai, sendo o próprio Vishnu pujante, ele testemunhou, sem interferir, a destruição de seus parentes! Meu filho deve ter ele mesmo permitido que tudo isso acontecesse. Ele era o Senhor do universo. Ele, no entanto, não desejou falsificar as palavras de Gandhari e dos Rishis, ó opressor de inimigos. Na tua própria visão, ó herói, teu neto, que tinha sido morto por Ashvatthama, foi ressuscitado pela energia dele. Aquele teu amigo, no entanto, não desejou proteger seus parentes. Vendo seus filhos e netos e irmãos e amigos jazendo mortos, ele me disse estas palavras, ó principal da linhagem de Bharata, 'A destruição dessa nossa tribo chegou finalmente. Vibhatsu virá para esta cidade, Dwaravati. Diga a ele o que ocorreu, esta grande carnificina dos Vrishnis. Eu não tenho dúvida de que logo que ele souber da destruição dos Yadus aquele herói de

energia poderosa virá para cá sem nenhuma perda de tempo. Saibas, ó pai, que eu sou Arjuna e Arjuna sou eu. Deve ser feito por ti aquilo que ele disser. O filho de Pandu fará o que for melhor para as mulheres e as crianças. Ele mesmo realizará os teus ritos fúnebres. Esta cidade de Dwaravati, depois da partida de Arjuna, irá, com seus muros e edifícios, ser engolida pelo oceano sem nenhuma demora. Com relação a mim mesmo, me retirando para algum lugar sagrado, eu esperarei pela minha hora, com o inteligente Rama em minha companhia, cumprindo votos rigorosos todo o tempo'. Tendo dito essas palavras para mim, Hrishikesa de destreza inconcebível, me deixando com as crianças, partiu para algum lugar que eu não conheço. Pensando naqueles teus dois irmãos de grande alma, como também na carnificina terrível de meus parentes, eu tenho me abstido de todo alimento, e estou emaciado pela dor. Eu não devo comer, nem viver. Por boa sorte tu me encontraste, ó filho de Pandu. Realiza tudo, ó Partha, o que Krishna disse. Este reino, com todas essas mulheres, e toda a riqueza daqui, é teu agora, ó filho de Pritha. E quanto a mim mesmo, ó matador de inimigos, eu rejeitarei os meus vitais embora eles sejam preciosos'.

7

Vaisampayana disse: "Aquele opressor de inimigos, Vibhatsu, assim abordado por seu tio materno, respondeu, com grande tristeza de coração, para Vasudeva que estava igualmente triste, dizendo, 'Ó tio, eu não posso olhar para essa Terra quando ela está privada daquele herói da linhagem de Vrishni e daqueles meus outros parentes. O rei e Bhimasena e Sahadeva e Nakula e Yajnaseni, numerando a sexta, têm a mesma opinião que eu nessa questão. Chegou a hora da partida do rei também. Saibas disso, que a hora da nossa partida também está perto. Tu és o principal daqueles que são bem familiarizados com o rumo do tempo. Eu irei, no entanto, ó castigador de inimigos, primeiro remover para Indraprastha as mulheres da tribo Vrishni como também as crianças e os idosos'. Tendo dito isso para seu tio, Arjuna em seguida se dirigiu a Daruka, dizendo, 'Eu desejo ver sem nenhuma demora os principais oficiais dos heróis Vrishni'. Tendo proferido essas palavras, o heroico Arjuna, sofrendo por aqueles grandes guerreiros em carros (que tinham sido mortos), entrou no grandioso salão dos Yadavas (onde eles costumavam manter sua corte), chamado Sudharma. Quando ele tinha tomado seu lugar lá, todos os cidadãos, incluindo os brâmanes, e todos os ministros de estado vieram e permaneceram circundando-o. Então Partha, mais aflito do que eles, se dirigiu àqueles cidadãos angustiados e tristes e aos oficiais que estavam mais mortos do que vivos, e disse estas palavras que eram bem apropriadas para a ocasião: 'Eu levarei comigo os remanescentes dos Vrishnis e dos Andhakas. O mar logo engolfará esta cidade. Equipem todos os seus carros e coloquem neles toda a sua riqueza. Este Vajra (o neto de Krishna) será seu rei em Shakraprastha. No sétimo dia a partir deste, ao nascer do sol, nós partiremos. Façam seus preparativos sem demora'.

"Assim abordados pelo filho de Pritha de atos puros, todos eles aceleraram seus preparativos com avidez para obterem sua segurança. Arjuna passou aquela

noite na mansão de Keshava. Ele foi dominado de repente por grande tristeza e entorpecimento. Quando amanheceu, Vasudeva de grande energia e destreza alcançou, pela ajuda do Yoga, a meta mais elevada. Um som de lamento alto e de partir o coração foi ouvido na mansão de Vasudeva, proferido pelas damas chorando. Elas foram vistas com cabelo despenteado e privadas de ornamentos e coroas florais. Batendo em seus peitos com as mãos, elas se entregaram a lamentos de partir o coração. Aquelas mais notáveis das mulheres, Devaki e Bhadra e Rohini e Madira se jogaram sobre o corpo de seu marido. Então Partha fez o corpo do seu tio ser levado em um veículo caro carregado nos ombros de homens. Ele foi seguido por todos os cidadãos de Dwaraka e pelo povo das províncias, todos os quais, profundamente afligidos pelo pesar, eram bem-intencionados em relação ao herói falecido. Diante daquele veículo era levado o guarda-sol que tinha sido mantido sobre a cabeça dele na conclusão do Sacrifício de Cavalo que ele realizou enquanto vivo, e também os fogos brilhantes que ele tinha adorado diariamente, com os sacerdotes que costumavam se encarregar deles. O corpo do herói foi seguido por suas esposas enfeitadas com ornamentos e cercadas por milhares de mulheres e milhares de suas noras. Os últimos ritos foram então realizados naquele local que era agradável para ele enquanto ele estava vivo. As quatro esposas daquele filho heroico de Sura subiram na pira mortuária e foram consumidas com o corpo do seu marido. Todas elas alcançaram aquelas regiões de felicidade que eram dele. O filho de Pandu queimou o corpo de seu tio junto com aquelas quatro esposas dele, usando diversos tipos de perfumes e madeira perfumada. Quando a pira mortuária queimou, um som alto foi ouvido da madeira ardente e outros materiais combustíveis, junto com o canto puro de Samans e o lamento dos cidadãos e outros que testemunhavam o rito. Depois disso tudo estar acabado, os meninos das tribos Vrishni e Andhaka, encabeçados por Vajra, como também as damas, ofereceram oblações de água para o herói de grande alma.

"Phalguna, que era cuidadoso em cumprir todos os deveres, tendo feito isso ser realizado adequadamente, foi, ó chefe da linhagem de Bharata, em seguida para o local onde os Vrishnis foram massacrados. O príncipe Kuru, vendo-os jazendo mortos por todos os lados, ficou extremamente triste. Ele, no entanto, fez o que era necessário ser feito em vista daquilo que tinha acontecido. Os últimos ritos foram realizados, de acordo com a ordem de superioridade em idade, para os corpos daqueles heróis mortos pelos dardos de ferro, nascidos em virtude da maldição pronunciada pelos brâmanes, das folhas de grama Eraka. Procurando então os corpos de Rama e Vasudeva, Arjuna os fez serem queimados por pessoas hábeis nesse ato. O filho de Pandu, tendo em seguida realizado devidamente aqueles ritos de Sraddha que são feitos para os mortos, partiu rapidamente no sétimo dia, subindo em seu carro. As viúvas dos heróis Vrishni, lamentando alto, seguiram o filho de Pandu de grande alma, Dhananjaya, em carros puxados por bois e mulas e camelos. Todas estavam em aflição profunda. Os empregados dos Vrishnis, seus cavaleiros, e seus guerreiros em carros também seguiram o cortejo. Os cidadãos e os habitantes do país, por ordem do filho de Pritha, partiram ao mesmo tempo e prosseguiram, cercando aquela cavalgada desprovida de heróis e incluindo somente mulheres e os idosos e as

crianças. Os guerreiros que lutavam das costas de elefantes procederam em elefantes tão enormes quanto colinas. Os soldados de infantaria também partiram, junto com as reservas. As crianças das tribos Andhaka e Vrishni todas seguiram Arjuna. Os brâmanes e Kshatriyas, e Vaisyas, e Sudras ricos, partiram, mantendo diante deles as 16.000 mulheres que formavam o harém de Vasudeva, e Vajra, o neto do inteligente Krishna. As viúvas dos outros heróis das tribos Bhoja, Vrishni, e Andhaka, agora sem maridos, saíram com Arjuna, numerando muitos milhões. Aquele principal dos guerreiros em carros, aquele conquistador de cidades hostis, o filho de Pritha, escoltou aquela vasta procissão de Vrishnis, a qual ainda estava cheia de riqueza, e que parecia com um verdadeiro oceano.

"Depois que todas as pessoas tinham partido, o oceano, aquele lar de tubarões e jacarés, inundou Dwaraka, que ainda abundava com riquezas de todos os tipos, com suas águas. Qualquer parte da terra que era percorrida, o oceano a inundava imediatamente com suas águas. Contemplando essa visão extraordinária, os habitantes de Dwaraka andaram cada vez mais rápido, dizendo, 'Notável é o curso do destino!' Dhananjaya, depois de abandonar Dwaraka, prosseguiu por marchas lentas, fazendo as mulheres Vrishni descansarem em florestas e montanhas agradáveis e nas margens de rios encantadores. Chegando ao país dos cinco rios, o pujante Dhananjaya plantou um acampamento rico no meio de uma terra que abundava com cereais e vacas e outros animais. Vendo aquelas viúvas sem soberano acompanhadas somente pelo filho de Pritha, ó Bharata, os ladrões sentiram uma grande tentação (de saquear). Então aqueles patifes pecaminosos, com corações dominados pela cobiça, dominados pela avareza, aqueles Abhiras de maus presságios, se reuniram e tiveram uma consulta. Eles disseram, 'Aqui há só um arqueiro, Arjuna. A cavalgada consiste em crianças e velhos. Ele os escolta, nos ultrapassando. Os guerreiros (dos Vrishnis) estão sem energia'. Então aqueles ladrões, contados aos milhares, e armados com cassetetes, avançaram em direção ao cortejo dos Vrishnis, desejosos de pilhagem. Incitados pelo curso perverso do tempo eles caíram sobre aquela multidão vasta, a assustando com gritos leoninos altos e desejosos de matar. O filho de Kunti, parando de repente de avançar pelo caminho, se dirigiu, com seus seguidores, para o local onde os ladrões tinham atacado a procissão. Sorrindo, aquele guerreiro de braços poderosos se dirigiu aos assaltantes, dizendo, 'Vocês patifes pecaminosos, desistam, se vocês amam suas vidas. Vocês se arrependerão disso quando eu perfurar seus corpos com minhas flechas e tirar suas vidas'. Embora assim endereçados por aquele herói, eles desconsideraram suas palavras, e, embora dissuadidos repetidamente, eles caíram sobre Arjuna. Então Arjuna se esforçou para encordoar seu arco grande, indestrutível, e celeste com algum esforço. Ele conseguiu encordoá-lo com grande dificuldade, quando a batalha tinha ficado violenta. Ele então começou a pensar em suas armas celestes, mas elas não vieram à sua mente. Vendo aquela batalha furiosa, a perda da força de seu braço, e o não aparecimento das suas armas celestes, Arjuna ficou muito envergonhado. Os guerreiros Vrishni, incluindo os soldados de infantaria, os guerreiros em elefantes, e os homens em carros, falharam em salvar aquelas mulheres Vrishni que estavam sendo levadas pelos ladrões. A multidão era muito grande. Os ladrões a atacaram em diferentes pontos. Arjuna tentou o seu melhor para

protegê-la, mas não pode ter êxito. Na própria visão de todos os guerreiros, muitas das damas principais foram arrastadas à força, enquanto outras foram embora com os ladrões por iniciativa própria. O pujante Arjuna, apoiado pelos empregados dos Vrishnis, atacou os ladrões com flechas disparadas do Gandiva. Logo, no entanto, ó rei, as suas flechas estavam esgotadas. Antigamente as suas flechas eram inesgotáveis. Agora, no entanto, elas provaram ser diferentes. Encontrando suas flechas esgotadas, ele ficou profundamente angustiado. O filho de Indra então começou a bater nos ladrões com os cornos do seu arco. Aqueles Mlecchas, no entanto, ó Janamejaya, na visão de Partha, se retiraram, levando com eles muitas das principais damas dos Vrishnis e dos Andhakas. O pujante Dhananjaya considerou aquilo tudo como o trabalho do destino. Cheio de tristeza ele deu suspiros fortes ao pensar no não aparecimento das suas armas (celestes), na perda da força de seus braços, na recusa do seu arco em obedecê-lo, e no esgotamento das suas flechas. Considerando tudo isso como o trabalho do destino, ele ficou extremamente desanimado. Ele então parou, ó rei, de fazer mais esforços, dizendo que não tinha o poder que ele tinha antes. Aquele de grande alma, levando consigo as mulheres Vrishni restantes, e a riqueza que ainda estava com elas, alcançou Kurukshetra. Dessa maneira trazendo com ele o restante dos Vrishnis, ele os estabeleceu em lugares diferentes. Ele estabeleceu o filho de Kritavarma na cidade chamada Marttikavat, com o restante das mulheres do rei Bhoja. Acompanhando o resto, com crianças e homens idosos e mulheres, o filho de Pandu os estabeleceu, que estavam desprovidos de heróis, na cidade de Indraprastha. O filho querido de Yuyudhana, com uma comitiva de homens velhos e crianças e mulheres, Arjuna de alma justa estabeleceu nas margens do Saraswati. O governo de Indraprastha foi dado para Vajra. As viúvas de Akrura então desejaram se retirar para as florestas. Vajra repetidamente pediu para elas desistirem, mas elas não o escutaram. Rukmini, a princesa de Gandhara, Saivya, Haimavati, e a rainha Jamvabati subiram na pira mortuária. Satyabhama e as outras esposas queridas de Krishna entraram nas florestas, ó rei, decididas a se dedicarem à prática de penitências. Elas começaram a viver de frutas e raízes e a passar seu tempo na contemplação de Hari. Indo além do Himavat, elas tomaram sua residência em um lugar chamado Kalpa. Aqueles homens que tinham seguido Arjuna de Dwaravati foram divididos em grupos, e entregues a Vajra. Tendo feito todos esses atos apropriados para a ocasião, Arjuna, com olhos banhados em lágrimas, então entrou no retiro de Vyasa. Lá ele viu o Rishi Nascido na Ilha sentado em paz".

8

Vaisampayana disse: “Quando Arjuna entrou no retiro do Rishi sincero, ele viu que o filho de Satyavati estava sentado em um local retirado.

"Aproximando-se daquele Rishi de votos excelentes e dotado do conhecimento de todos os deveres ele disse, ‘Eu sou Arjuna’ e então esperou sua vontade. O filho de Satyavati, dotado de penitências superiores, respondeu dizendo, ‘Bem vindo!’ De alma tranquila, o grande Muni em seguida disse, ‘Toma teu assento’.

Vendo que o filho de Pritha estava muito triste e dando suspiros pesados repetidamente e cheio de desespero, Vyasa se dirigiu a ele, dizendo, ‘Tu foste salpicado com água das unhas ou do cabelo de alguém, ou da extremidade da roupa de alguém, ou da boca de um jarro? Tu tiveste união sexual com alguma mulher antes da cessação do seu fluxo funcional? Tu mataste um brâmane? Tu foste derrotado em batalha? Tu pareces com alguém desprovido de prosperidade. Eu não soube que tu foste derrotado por alguém. Por que então, ó principal da linhagem de Bharata, esse aspecto extremamente abatido? Cabe a ti, ó filho de Pritha, me dizer tudo, se, de fato, não houver mal em dizê-lo".

"Arjuna disse, ‘Aquele cuja cor era como a de uma nuvem (recém-surgida), ele cujos olhos eram como um par de grandes pétalas de lótus, Krishna, com Rama, abandonou seu corpo e ascendeu para o Céu. Em Prabhasa, por meio dos dardos de ferro gerados pela maldição pronunciada por brâmanes, ocorreu a destruição dos heróis Vrishni. Aquela carnificina foi terrível, e nem um único herói escapou. Os heróis das tribos Bhoja, Andhaka, e Vrishni, ó brâmane, que eram todos dotados de grandes almas, grande poder, e orgulho leonino, mataram uns aos outros em batalha. Possuidores de braços que pareciam com maças de ferro, e capazes de suportar os golpes de maças e dardos pesados, ai, eles foram todos mortos com folhas de grama Eraka. Vê o curso perverso do Tempo. 500.000 guerreiros de braços poderosos foram mortos dessa maneira. Enfrentando uns aos outros, eles encontraram a destruição. Pensando repetidamente nessa carnificina dos guerreiros Yadava de energia incomensurável e no ilustre Krishna eu fracasso em derivar paz mental. A morte do manejador do Saranga é tão inacreditável quanto a completa secagem do oceano, o deslocamento de uma montanha, a queda da abóbada celeste, ou a propriedade refrescante do fogo. Privado da companhia dos heróis Vrishni, eu não desejo viver neste mundo. Outro incidente aconteceu que é mais doloroso do que isso, ó tu que és possuidor de riqueza de penitências. Pensando nisso repetidamente, o meu coração está se partindo. Na minha própria visão, ó brâmane, milhares de damas Vrishni foram roubadas pelos Abhiras do país dos cinco rios, que nos assaltaram. Pegando o meu arco eu não me encontrei à altura nem de encordoá-lo. A força que existia em meus braços parecia ter desaparecido naquela ocasião. Ó grande asceta, as minhas armas de diversos tipos falharam em fazerem o seu aparecimento. Logo, também, as minhas flechas se esgotaram. Aquela pessoa de alma incomensurável, de quatro braços, empunhando a concha, o disco, e a maça, vestido em mantos amarelos, de cor escura, e possuidor de olhos parecidos com pétalas de lótus, não é mais visto por mim. Ai, privado de Govinda, o que eu tenho pelo que viver, arrastando a minha vida em tristeza? Ele que costumava andar na frente do meu carro, aquela forma divina dotada de grande esplendor e força imperecível, destruindo enquanto ele prosseguia todos os guerreiros hostis, não pode mais ser visto por mim. Não vendo mais a ele que por sua energia queimava primeiro todas as tropas hostis as quais eu depois matava com flechas disparadas do Gandiva, eu estou cheio de angústia e a minha cabeça gira, ó melhor dos homens. Tomado por tristeza e desespero, eu falho em obter paz mental. Eu não ouso viver, privado do heroico Janardana. Logo que eu soube que Vishnu tinha deixado a Terra a minha visão escureceu e todas as coisas desapareceram da

minha visão. Ó melhor dos homens, cabe a ti me dizer o que é bom para mim agora, pois eu sou agora um viajante com o coração vazio, despojado de meus parentes e de minhas posses'.

"Vyasa disse, 'Os poderosos guerreiros em carros das tribos Vrishni e Andhaka foram todos consumidos pela maldição dos brâmanes. Ó chefe da linhagem de Kuru, não cabe a ti sofrer por sua destruição. Aquilo que aconteceu estava ordenado. Esse era o destino daqueles guerreiros de grande alma. Krishna permitiu que isso acontecesse embora ele fosse totalmente competente para impedir isso. Govinda era capaz de alterar o próprio curso do universo com todas as suas criaturas móveis e imóveis. O que dizer então da maldição dos brâmanes de grande alma? Ele que costumava andar na frente do teu carro, armado com disco e maça, por afeição por ti, era Vasudeva de quatro braços, aquele Rishi antigo. Aquele de grande alma e olhos expansivos, Krishna, tendo tornado mais leve a carga da Terra e rejeitado o seu corpo (humano), alcançou o seu próprio lugar sublime. Por ti também, ó principal dos homens, com Bhima como teu colaborador e os gêmeos, ó herói de braços fortes, o grande trabalho dos deuses foi executado. Ó principal da linhagem de Kuru, eu considero tu e teus irmãos como coroados com sucesso, pois vocês realizaram o grande propósito das suas vidas. Chegou a hora da sua partida do mundo. Isso mesmo, ó pujante, é o que é benéfico para vocês agora. Exatamente assim compreensão e destreza e previdência, ó Bharata, surgem quando dias de prosperidade não passaram. Essas mesmas aquisições desaparecem quando vem a hora da adversidade. Tudo isso tem o Tempo como sua fonte. O Tempo é, de fato, a semente do universo, ó Dhananjaya. É o Tempo, também, que tira tudo à sua vontade. Alguém se torna poderoso, e, novamente, perdendo aquele poder, se torna fraco. Alguém se torna um mestre e governa outros, e, novamente, perdendo aquela posição, se torna um empregado para obedecer às ordens de outros. As tuas armas, tendo obtido sucesso, partiram para o lugar de onde elas vieram. Elas virão novamente para as tuas mãos quando o Tempo da sua chegada se aproximar. Chegou a hora, ó Bharata, de vocês todos alcançarem a maior meta. Isso mesmo é o que eu considero como altamente benéfico para vocês todos, ó chefe da linhagem de Bharata'.

Vaisampayana continuou: "Tendo ouvido essas palavras de Vyasa de energia incomensurável, o filho de Pritha, recebendo sua permissão, retornou para a cidade que recebeu o nome de elefante. Entrando nela, o herói se aproximou de Yudhishthira e o informou de tudo o que tinha acontecido com relação aos Vrishnis".

Fim do Mausala Parva.